

Aspecto médico e comentários sobre a localidade de Salobra (Estado de Mato Grosso) *

por

Newton Santos e Lauro Travassos Filho

A — População

Em relatório anterior, feito por ocasião da terceira excursão, desta série, que o Instituto Oswaldo Cruz vem realizando na pequena localidade de Salobra, no estado de Mato Grosso, um de nós teve oportunidade de referir o curioso aspecto dos habitantes desta região do Brasil, assinalando a inconstância de residência que os caracteriza particularmente.

Afim de darmos uma idéia deste movimento migratório, que os torna semelhantes a uma tribo nômade, vamos fazer uma comparação entre os dados obtidos em 1940 e os de agora, 1941.

Em agosto e setembro de 1940 foram então recenseados 41 habitantes, total dos moradores; no nosso novo recenseamento de 1941, verificamos um aumento de 17 habitantes, pois encontramos 58 pessoas; o fato importante, porém, é que, dos 41 recenseados na 4.^a excursão, apenas 32 foram novamente registados, significando que 9 pessoas se mudaram de Salobra, que, em troca, recebeu 26 novos habitantes; disto se conclue que, em 4 meses apenas, metade da população foi substituída por indivíduos estranhos ao local.

Aliás basta verificar os dados de cada um dos examinados referidos adiante, para vermos que o morador mais antigo se acha em Salobra apenas há 3 anos, e isto assim mesmo é verificado em uma só família.

Os indivíduos mais nômades são os operários da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que constituem as "turmas de conserva" da linha férrea. De fato, estes são obrigados, por exigência de serviço, a se deslocarem para os pontos de maior necessidade no momento dado, o que lhes é facilitado pelas casas de turma que a direção da E.F.N.O.B. tem feito construir de distância em distância, e onde encontram um conforto bastante acima do da maioria dos demais habitantes.

* Recebido para publicação a 30 de julho e dado à publicidade em novembro de 1941.

Os outros são geralmente aventureiros em busca de ocupação que lhes seja mais rendosa e, graças à abundância de peixes nos rios Miranda e Salobra, buscam o pequeno povoado que tem o nome deste último rio, para aí, com poucas horas de pesca, tirarem o necessário para o sustento. Em geral, não procuram aumentar o rendimento da pescaria para, com isto, melhorar o teor de vida ; quando juntam um pequeno pecúlio, abandonam o local, atraídos pelas cidades de maior movimento e onde, não raro, são vítimas da própria ignorância.

Ao chegarem ao destino, constroem casas toscas, feitas com troncos de árvores, recobertos ou com folhas de palmeiras, mais frequentemente, ou então, quando mais afortunados, adquirem as conhecidas "folhas de zinco", obtendo assim um abrigo melhor ; essas casas compõem-se geralmente de dois cômodos: um dormitório, cujo leito mais frequente é a rede, e outro em que é instalada a cosinha ; se resolvem mudar, pouco trabalho teem, pois apenas retiram os utensílios e o zinco, quando há, e abandonam a casa, que o tempo se encarrega de destruir, quando não é ocupada por um novo morador.

E' interessante frisar que nestes meses de intervalo das visitas, houve um acréscimo de duas casas mas, das antigas, isto é, existentes em setembro de 1940, três achavam-se vacias ; deste modo o número de casas habitadas diminuiu de uma.

Essa migração tem grande importância quando se tem em vista a profilaxia da região, pois ela constitue excelente veículo para doenças, principalmente as verminoses e protozooses, e isto se verifica principalmente em relação à maleita, além de, por outro lado, dificultar grandemente o estudo da evolução local das endemias, pois a curta permanência impede uma observação demorada indispensável.

Dos 58 habitantes registados agora, janeiro de 1941, 37 são do sexo masculino, dos quais 26 adultos e 11 crianças, considerando como limite a idade de 14 anos ; as 21 restantes, do sexo feminino, compreendem 12 adultos e 9 crianças.

Salobra é uma localidade inteiramente desprovida de recursos, como infelizmente muitas outras, não tendo mesmo nem uma pequena igreja, que é sempre um dos primeiros marcos de civilização, sendo inteiramente desprovida de agricultura. Seu único atrativo comercial é, como já referimos, a pesca, que assim mesmo é exercida da maneira mais rudimentar possível ; para darmos uma idéia da frequência do peixe neste rio, vamos relatar os dados obtidos de um pescador local ; disse-nos ele que, certa ocasião, comprara uma rede com dois outros companheiros e, na primeira vez usada, conseguiram a cifra incrível de 600 dourados e cerca de 800 pacús, os dois peixes mais importantes comercialmente.

Não nos soube explicar, porém, o motivo porque não continuaram com esta técnica, preferindo voltar ao primitivo anzol, de rendimento infimo, comparado com aquele moderno método. Acreditamos, porém, que tenha sido o trabalhoso remate de conservar o magnífico resultado, isto é, o trabalho talvez árduo de fazer cercados e, enfim, manter vivo o peixe colhido com a rede, para ser vendido em frações, que os tenha levado a voltar ao menos compensador princípio mas, todavia, bem menos fatigante.

Não se preocupam com a caça ; só a abatem quando, nas suas pescarias feitas em canoas pelo rio, se oferece a oportunidade. Durante a estadia da Comissão, mostram-se entretanto, mais interessados, para obter uma remuneração por peça mais difícil. Tivemos ocasião de excursionar com alguns deles ; preferem sempre a canoa e ir procurando nas margens o animal desprevenido, o que, aliás, é frequente, não só pela abundância, como também por desconhecêrem o perigo. Quando desembarcávamos, revelavam-se logo péssimos marceiros e preferiam seguir a margem do Rio, por não confiarem na própria orientação ; não queremos com isto dizer que não haja exceção, mas apenas um deles mostrou-se mais afoito em terra.

Deste modo pretendemos aumentar um pouco mais os dados já existentes sobre esta pequena localidade de Salobra e seus inconstantes moradores.

Esperamos, na próxima viagem, fazer inspecção médica semelhante em outras localidades, para podermos realizar um estudo mais geral das populações desta parte de Mato Grosso.

B — Condições higiênicas

Em anterior excursão à Salobra, de 15 de fevereiro à 15 de março de 1940 (3.^a excursão), tivemos oportunidade de nos referir às precárias condições higiênicas em que vive a população dessa pequenina localidade, o que não deverá surpreender-nos, pois que assim acontece com toda a população do interior do Brasil, que vive isolada e sem recursos.

Como já tivemos ocasião de informar no relatório anterior, a população dessa localidade não usa privadas e tem o hábito de andar descalça ; daí poderia depreender-se a facilidade com que contrairia infestações parasitárias, principalmente as verminoses e protozooses. Isto, entretanto, não acontece, havendo uma discordância entre os hábitos pouco higiênicos e os resultados dos exames de fezes efetuados. Acreditamos que essa população tem a seu favor as condições ambientes que, certamente, dificultam ou impedem a possibilidade de vida dos helmintos que evoluem no solo.

Dentre as condições ambientes, salientamos a secura do solo no local onde constroem as habitações, terrenos elevados e inclinados e que pela composição não são aptos para reter água e conservar a umidade. A terra é extremamente seca e embora não fosse medida com aparelhos adequados, tivemos oportunidade de escavá-la em diversos pontos e comprovar grosseiramente a sua secura; desta, aliás, temos uma prova indireta na composição fitogeográfica do local: o cerrado, flora tipicamente subxerófila, que atesta o pouco teor de umidade edáfica.

A respeito ainda das condições higiênicas, referir-nos-emos ao impaludismo. É evidente que não podíamos encontrar medidas de ação contra o desenvolvimento dos mosquitos, mormente quando o combate é difícil, mesmo nas grandes cidades. As grandes cheias do Rio Miranda inundam grande parte da região durante bastante tempo; formam-se imensas lagoas, pântanos e banhados, que constituem excelente meio para rápida e crescente procriação de mosquitos. As águas costumam a baixar (três meses mais ou menos) e, mesmo assim, nem todas podem refluir para o rio, reunindo-se em lagoas, que só pela evaporação se desecam, ou então resistem à secura e cobrem-se de vegetação aquática, que, se por um lado auxilia a evaporação, por outro, mantém sempre uma umidade no solo suficiente para passar duma cheia à outra.

As regiões alagadas são muito vastas, a densidade de população extremamente baixa e os recursos estaduais mínimos para pensar na possibilidade de saneamento em larga escala, num país extremamente grande, onde problemas da mesma natureza existem em planos mais urgentes.

Tudo isso nos faz inclinar para o lado individual, o método profilático a seguir.

O mosquiteiro seria um dos primeiros elementos de defesa do homem exposto às infestações; é, aliás, bastante usado, nessa e em outras localidades congêneres. Acreditamos, porém, que é usado mais para favorecer o sono do que como método profilático. Temos essa crença em parte porque muitas pessoas que usam mosquiteiro não sabem que é o mosquito o transmissor do impaludismo e por isso mesmo ficam expostas às picadas antes de se recolherem ao leito, não percebendo o perigo que correm.

A propaganda pública, por meio de cartazes nas estações e nos trens, do papel do mosquito na aquisição do impaludismo e do uso conveniente do mosquiteiro, seria, além de educativa, prática e fácil, humana e eficiente.

O tratamento dos maleitosos, a existência de pequenos postos de distribuição de medicamentos específicos e a propaganda de remédios adequados seriam meios razoáveis para acrescentar aos primeiros, afim de diminuir um pouco os males e fornecer assistência aos mais deves e desamparados. É

claro que a extinção total do mal seria um trabalho de envergadura, que talvez pudesse ser realizado sem o saneamento da região, mas pela quininação total preventiva e curativa, dada a pouca densidade da população.

Reforça a nossa opinião o fato da Empresa construtora da ponte de Porto Esperança manter seus trabalhadores livres da malária com o processo preventivo da quininação forte dois dias seguidos, segundo informação gentilmente cedida pelo Dr. Gouvêa, que faz o serviço médico da Estrada, com sede naquela cidade.

C — Observações clínicas

Procuramos focalizar as nossas observações para o impaludismo, as verminoses e protozooses, de maneira a tornar contínuo o trabalho das anteriores excursões.

Não apuramos, felizmente, em nenhum dos 58 moradores de Salobra, nenhum caso de impaludismo recente, isto é, desde pelo menos a 4.^a excursão, em outubro de 1940, isto porque todos os habitantes veem sendo metodicamente medicados nas anteriores excursões, além de ficarem com certo estoque de quinino para o caso de haver reincidência.

Geralmente são os novos habitantes impaludados não medicados que introduzem o protozoário e como o deslocamento dos moradores de uma localidade para outra é grande, nunca é possível manter uma localidade isenta de impaludismo. Pudemos verificar que a frequência de anofelinos nessa excursão foi menor que nas outras.

Em Bodoquena, onde estivemos pouco mais de meio-dia, apuramos alguns casos de impaludismo recente, pois esta população, aproximadamente de 30 pessoas, não foi ainda medicada em massa.

Quanto às verminoses (em Salobra), verificamos, não aparecerem na proporção em que os hábitos pouco higiênicos poderiam prever, como demonstram os exames de fezes efetuados e que adiante serão comentados. O mesmo não sucedeu em Bodoquena, onde verificamos clinicamente e pela anamnese que a maioria das crianças se apresentava com verminose e em muitos casos com extremo descoramento das conjuntivas. Supomos que essa maior percentagem e intensidade na verminose estejam ligadas às condições do solo no local que são bem mais propícias à fase livre da vida dos helmintos.

Além da atenção dispensada a estas endemias, atendemos vários outros doentes portadores de corrimento vaginal, perturbações intestinais, nevralgias, reumatismo, gripe, otite, furunculose e anemia.

Foram ao todo atendidas 50 pessoas e distribuídos 70 medicamentos.

As nossas observações referem-se às pessoas residentes em Salobra, à turma de operários da Estrada de Ferro do Km. 1.128, aos residentes em Bodoquena e à turma de operários dessa estação.

Finalmente desejamos agradecer ao Laboratório Panvermina, que nos cedeu seu produto, o vermífugo Panvermina, que aplicamos com bons resultados.

D — Exames coprológicos

A finalidade desses exames foi fazer pesquisas de vermes e protozoários nos habitantes de Salobra.

Em relação aos exames de fezes, nas ocasiões em que o exame direto revelou-se negativo para helmintos, usamos para enriquecimento o processo da flutuação por meio da solução saturada de cloreto de sódio, processo este por demais rudimentar para pesquisa minuciosa, mas que tivemos de usar dada a dificuldade de aparelhagem de excursão. Para os protozoários, além dos exames diretos comuns, repetidos em várias lâminas, empregamos a solução de lugol forte, que reforça e colore de modo particular os cistos, facilitando o seu encontro. Esperamos para o futuro melhorar a nossa aparelhagem para obter resultados mais seguros e, se possível, também podermos empregar os processos de contagem.

Uma das grandes dificuldades, se não a maior, foi a da obtenção do material para exame; dado o nível geral de cultura da população, o pedido de fezes para exame foi sempre dificultado; na maior parte das vezes prometeram colher o material, aceitaram o recipiente adequado mas não o devolveram convenientemente cheio; tornou-se necessário uma insistência diária para demonstrar a conveniência de tal exame e principalmente uma grande paciência e tática para a obtenção das fezes; daí resultar um menor número de exames feitos.

Por outro lado como a estadia é sempre pouco demorada nestas excursões, fica difícil uma repetição do exame para melhor controle do efeito dos medicamentos administrados nos casos necessários; esperamos que na próxima ocasião possamos fazer um levantamento coprológico mais completo, referente a helmintos e protozoários.

Antes de tirarmos qualquer conclusão, vamos referir os resultados obtidos nos 27 exames feitos, dando, para cada um, alguns dados que conseguimos obter aproveitamos aqui para expressar os nossos agradecimentos aos Drs. Clemente Pereira e Waldemar Ferreira de Almeida companheiros de expedição, pelos auxílios dados nas ocasiões em que nos achávamos ocupados com outros afazeres.

- 1 — José B. — 12 anos. Natural do Estado da Baía ; branco ; maleita há 2 anos ; residente em Salobra há 3 anos.
Poucos ovos de *Necator americanus* (Stiles, 1902) e raros de *Trichuris trichiura* (L., 1771).
Presença de cistos de *Endamoeba coli* (Loesch, 1875).
- 2 — Leonço C. — 17 meses. Natural do Estado de Mato Grosso (nascido em Salobra); caboclo ; nunca teve maleita.
Raros ovos de *Ascaris lumbricoides* L., 1758 (Um por lâmina examinada).
- 3 — Ilda C. — 12 anos ; natural de Mato Grosso ; mulata clara ; nunca teve maleita ; reside em Salobra há ano e meio.
Ovos de *Necator americanus*.
Raros cistos de *Endamoeba coli*.
- 4 — Francisca S. — 20 anos ; natural de Mato Grosso ; maleita há 6 meses ; reside em Salobra também há 6 meses.
Frequentes ovos de *Necator americanus* (Stiles, 1902).
- 5 — João S. — 26 anos ; natural de Mato Grosso ; maleita há 6 meses ; reside em Salobra há 6 meses.
Raríssimos ovos de *Necator americanus*.
Raríssimos cistos de *Endamoeba coli*.
- 6 — Lidio F. S. — 8 anos ; natural de Mato Grosso ; nunca teve maleita ; reside em Salobra há 6 meses.
Abundantíssimos ovos de *Ascaris lumbricoides*. Presença de ovos de *Trichuris trichiura* e poucos de *Necator americanus*.
Cistos de *Endamoeba coli*.
- 7 — Maria F. S. — 29 anos ; natural de Mato Grosso ; cabocla ; maleita há 8 meses ; reside em Salobra há 6 meses.
Exame negativo para helmintos.
Abundantíssimos cistos de *Endamoeba coli* ; é interessante frisar que as fezes eram bastante endurecidas.
- 8 — Donata C. — 12 meses ; natural de Mato Grosso ; nunca teve maleita ; reside em Salobra há 6 meses.
Exame negativo para helmintos e protozoários.
- 9 — Marquiliano C. — 6 anos ; natural de Mato Grosso ; nega maleita ; reside em Salobra há 6 meses.
Exame negativo para helmintos.
Positivo para *Trichomonas hominis* (Davaine, 1854).

- 10 — Martina C. — 23 anos ; natural de Mato Grosso ; nega maleita ; reside em Salobra há 6 meses.
Raros ovos de *Necator americanus*.
Exame negativo para protozoários.
- 11 — Escolástica G. — 11 anos ; natural de Mato Grosso ; maleita há 2 anos ; reside há 6 meses em Salobra.
Raríssimos ovos de *Ascaris lumbricoides*.
Poucos cistos de *Chilomastix mesnili* (Wenyon, 1910).
Raros cistos de *Pseudolimax bütschlii* (Prowazek, 1912).
- 12 — Marcelina G. — 35 anos ; natural de Mato Grosso ; reside em Salobra há 6 meses.
Exame negativo para helmintos e protozoários .
- 13 — Maria O. — 9 anos ; natural de Mato Grosso ; maleita há 1 ano ; reside há 6 meses em Salobra.
Negativo para helmintos.
Raros cistos de *Chilomastix mesnili*.
- 14 — Pedro G. R. — 43 anos ; natural de Mato Grosso ; caboclo ; maleita há 2 anos. Reside em Salobra há 3 anos.
Negativo para helmintos.
Cistos de *Endamoeba coli*.
- 15 — Petronilha G. R. — 17 anos ; natural de Mato Grosso ; mulata ; nega maleita ; reside em Salobra há 3 anos.
Negativo para helmintos.
Frequentes cistos de *Endamoeba coli* e presença de *Trichomonas hominis*.
- 16 — Abilio G. R. — 7 anos ; natural de Mato Grosso ; mulato ; nega maleita ; como os dois anteriores, reside em Salobra há 3 anos.
Ovos de *Necator americanus*.
Negativo para protozoários.
- 17 — Eurides G. R. — 3 anos ; natural de Mato Grosso ; mulato ; maleita há 2 anos ; tambem reside em Salobra há 3 anos.
Presença de ovos de *Ascaris lumbricoides* e raros de *Necator americanus*
Negativo para protozoários.
- 18 — Alzira G. R. — 21 meses ; natural de Mato Grosso (nasceu em Salobra) ; nunca teve maleita.
Negativo para helmintos e protozoários.

- 19 — Antonio C. — Sem indicações.
Raros ovos de *Ascaris lumbricoides*.
Negativo para protozoários.
- 20 — Maria José A. — 2 anos ; residente em Salobra.
Negativo para helmintos e protozoários.
- 21 — Sebastião A. — 4 anos ; residente em Salobra.
Ovos de *Necator americanus*.
- 22 — Conceição A. — 6 anos ; natural de Mato Grosso ; bugre ; maleita aos 4 anos ; reside em Salobra há 3 anos.
Raríssimos ovos de *Necator americanus* e *Trichuris trichiura*.
Raros cistos de *Chilomastix mesnili*.
- 23 — Benedicto João C. — 45 anos ; natural de Mato Grosso ; mulato ; teve maleita há 2 anos, residindo em Salobra há 1 ano e 4 meses.
Raros ovos de *Ascaris lumbricoides*.
Negativo para protozoários.
- 24 — Nicolina — Residente em Salobra.
Raros ovos de *Ascaris lumbricoides*.
Negativo para protozoários.
- 25 — Marciano P. C. — 2 anos ; natural de Mato Grosso ; reside na turma do Km. 1.128.
Negativo para helmintos e protozoários.
- 26 — Emílio P. C. — 2 anos ; natural de Mato Grosso ; também residente na turma do Km. 1.128.
Negativo para helmintos e protozoários.
- 27 — Nair S. P. — 2 anos ; natural de Mato Grosso ; igualmente moradora na turma do Km. 1.128.
Negativo para helmintos.
Presença de *Trichomonas hominis*.

Apesar de apenas 27 exames feitos, temos aproximadamente o da metade da população da pequena localidade de Salobra. Como já vimos na parte referente à higiene, os hábitos são os mais deploráveis, ainda se acrescentarmos o fato de nenhum dos moradores andar calçado. As crianças semi-vestidas gatinham descuidadamente pelo chão, levando à boca tudo que lhes apetece e não fazem o menor regime, nem tão pouco a menor limpeza às refeições ; apesar disso, encontramos resultados negativos, alguns deles em crianças de 2 anos.

Dentro de todas as dificuldades em obter o material para exame, fomos bastante felizes por conseguí-lo da metade da população e de pessoas com as mais diversas idades; assim examinamos as fezes de 27 pessoas, das quais 14 do sexo masculino; as idades estavam compreendidas entre 12 meses e 45 anos.

Tivemos 21 resultados positivos contra 6 negativos; dos primeiros tivemos 9 só para helmintos e 6 só para protozoários. Entre os helmintos acha-se em primeira plana o *Necator americanus* (Stiles, 1902), com 10 exames positivos; em seguida o *Ascaris lumbricoides* L., 1758, com 7 positivos, e *Trichuris trichiura* (L., 1771), com apenas 3; foram estes os helmintos encontrados; é digno de assinalar que não encontramos nenhuma infestação maciça que justificasse uma medicação urgente ou mesmo fosse inculcada como causa de debilidade.

Para os protozoários tivemos 7 exames positivos para *Endamoeba coli* (Loesch, 1775); 3 para *Trichomonas hominis* (Davaine, 1854); 3 para *Chilomastix mesnili* (Wenyon, 1910), e apenas 1 para *Pseudolimax bütschlii* (Prowazek, 1912). Não só não encontramos nos exames feitos a *Endamoeba histolytica* Schaudinn, 1903, como também não soubemos de caso algum de desinteria que fizesse suspeitar este parasito.

Em uma visita que fizeram à cidade de Miranda, distante 14 quilômetros de Salobra, os Drs. Clemente Pereira e Waldemar Ferreira de Almeida obtiveram os seguintes resultados em exames de fezes de habitantes daquela localidade: em 11 soldados, apenas 2 acusaram raros ovos de *Necator americanus*, o que pode ser levado em conta como restos de infestações, dada a higiene mantida no quartel não permitir nova contaminação.

Em duas crianças, filhas de soldados desarranchados, e portanto sem o regime sanitário do quartel, encontraram infestações pesadas de *Ascaris lumbricoides* e história típica de infestação por *Enterobius vermicularis* (L., 1758).

Se bem que muito ligeiras para prestarem-se a qualquer conclusão, estas observações indicam uma necessidade premente de melhores informes, pois parece haver em Miranda possibilidade facil de ser foco de helmintoses.

Esperamos em próxima oportunidade completar estas investigações.

Pretendemos também fazer esse levantamento em localidades próximas para saber se se trata de condição local ou se o terreno impróprio aos parasitas ocupa uma área maior, tarefa essa que julgamos da maior utilidade, em virtude do desenvolvimento que vem tendo aquela região, graças à Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, e melhor corresponder ao apoio que a Direção da Estrada tem dado às excursões do Instituto Oswaldo Cruz.